

O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana

Modos de Vida e Apropriação do Espaço

Isabel Flaminio*

Resumo: Diferentes factores sociais, económicos e culturais favoreceram a evolução do espaço da cozinha na habitação plurifamiliar urbana. Hoje, o espaço da cozinha surge como um espaço tendencialmente tipificado caracterizado pela sua racionalidade e funcionalidade.

Este cenário favorece o aparecimento de interrogações acerca do uso que os habitantes fazem desse espaço e acerca do significado da cozinha nas práticas domésticas no quotidiano.

Neste artigo faz-se uma abordagem a esta temática a partir da interpretação de três casos de edificações plurifamiliares urbanas e da análise de entrevistas realizadas aos moradores dos edifícios. Procura-se compreender a importância de um espaço como a cozinha, tanto no quotidiano dos habitantes, como nos pressupostos do projecto de arquitectura.

Trata-se de uma reflexão que relaciona a arquitectura com a vivência dos espaços procurando entender as dinâmicas de interacção das mesmas a partir do estudo do espaço da cozinha.

Introdução

Como é que os habitantes adaptam um espaço como a cozinha às suas necessidades e de que forma a própria concepção do espaço o favorece?

O presente artigo aborda as relações existentes entre a concepção arquitectónica e a vivência do espaço pelo habitante. O seu desenvolvimento e os exemplos apresentados têm por base uma pesquisa iniciada no âmbito das relações entre espaço projectado e espaço vivido, cujo objecto de estudo incide sobre a cozinha

* Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

na habitação plurifamiliar urbana, a partir do qual se desenvolve a compreensão do seu conceito, da sua própria composição, da relação que estabelece com os restantes espaços da casa e da interacção com os modos de vida praticados pelos habitantes.

1. Definição do espaço de cozinha: enquadramento histórico e o seu estado actual

A cozinha doméstica contemporânea é um espaço que se apresenta como herança de variados factores de origem histórica e sociológica que contribuíram para a sua definição, e que está actualmente inserido na composição da maioria das habitações urbanas e do nosso quotidiano. Na arquitectura as suas inúmeras concepções variam segundo diversos contextos ligados à cultura e aos hábitos de uma determinada sociedade. Assim, a evolução do conceito de espaço de cozinha varia de acordo com as culturas e os modos de vida que caracterizam as diversas sociedades. Para enquadrar o contexto em que esta reflexão se desenvolve tem-se por base o conceito de espaço de cozinha que surge com o fenómeno da mecanização e o qual é, na sua generalidade, o vigente nas culturas contemporâneas ocidentais.

A partir do início do século XIX, a cozinha é encarada como um espaço central da casa, central no sentido em que tem a mesma qualificação e importância dos outros espaços da casa. Nenhum dos outros espaços da casa, quartos, sala, se sujeitou a tantas alterações no seu conceito de funcionalidade como a cozinha. Esta passa de um espaço multifuncional, na medida em que eram organizadas no seu seio actividades quotidianas relacionadas com a alimentação, higiene e estar¹, para um espaço monofuncional onde unicamente se praticam as tarefas domésticas relacionadas com o acto de cozinhar. É a partir da inclusão deste novo espaço monofuncional na habitação até aos dias de hoje que se fixa o objecto de estudo desta reflexão, o espaço da cozinha doméstica.

Descrevendo a partir de um ponto de vista generalizado, podemos dizer que tudo começou com a fome. A partir daí, com a descoberta do fogo inicia-se a história da cozinha nas suas variadas abordagens, culinária, tecnologia, arquitectura...

O espaço da **cozinha** está presente em toda a arquitectura habitacional, formaliza-se segundo inúmeras formas e faz parte do nosso quotidiano. É um espaço cuja essência o torna único no seio da casa porque a sua função está associada a uma das necessidades básicas do ser humano, a alimentação.

¹ Na obra *Architectures de la vie privée. Maisons et Mentalités XVII-XIX siècle*, de, Monique Eleb com Anne Debarre, é descrita a multifuncionalidade do espaço da cozinha na habitação burguesa europeia entre os séculos XVII e XIX.

A cozinha corrente de pequena dimensão, racionalizada e funcional que actualmente encontramos no interior das nossas habitações advém, certamente, da continuidade de um processo relacionado com acontecimentos e aproximações realizadas, relativas ao espaço da cozinha na casa, no decorrer da evolução da arquitectura doméstica, como se pode observar nas referências a este espaço em obras como, *La mécanisation au pouvoir* de Siegfried Giedion e *El espacio culinario* de Miguel Espinet, que, objectiva e explicitamente, caracterizam arquitectonicamente o espaço da cozinha na sua evolução histórica e na interacção com factores de natureza, sociais, culturais, económicos, tecnológicos...

A evolução da cozinha para um espaço de carácter tipificado, no sentido em que se trata, em geral, de um espaço optimizado, de características idênticas na sua dimensão, na sua relação com os outros espaços da casa, nas suas funções, e na forma como é simbolicamente apreendido pela sociedade, está então relacionada com diversos factores que contribuíram decisivamente para a sua actual formalização no espaço habitacional.

Os principais factores que originaram a tipificação do espaço da cozinha corrente são o aparecimento do ferro fundido (aliado mais tarde à industrialização e mecanização), o papel da mulher, e depois o movimento arquitectónico moderno, que integrou na arquitectura habitacional o actual espaço da cozinha corrente. Os 'quadros de vida' e o 'universo do quotidiano', a transformação dos costumes são fenómenos que acompanham e evoluem a partir destes factores.

A **mecanização** foi um processo evolutivo que permitiu primeiro a introdução na casa de elementos produzidos em série que, embora não substituíssem os processos manuais de cozinhar, contribuíram para uma radical transformação do espaço arquitectónico da cozinha. Paralelamente a este processo, deu-se a substituição das fontes de calor. A lenha e o carvão eram materiais utilizados em complexos fogões de tijolo ou pedra que eram o principal elemento arquitectónico da cozinha dos inícios do século XIX, encimados por uma grande chaminé e mais tarde em enormes fogões de ferro fundido a partir do qual se originou o actual conceito de que o fogão é uma das peças de equipamento de cozinha, transportável e variado na sua decoração (fig.1).

Com a introdução da fonte de gás e mais tarde da electricidade no processo de industrialização e mecanização, os elementos do espaço da cozinha sofreram uma total transformação. Os ditos combustíveis limpos permitiram a confecção de aparelhos económicos, acessíveis mesmo a famílias de baixos rendimentos, e também a criação de aparelhos auxiliares de cozinha que substituíam o intenso trabalho manual inerente à preparação dos alimentos e à sua própria cozedura.

Com a introdução destes elementos no quotidiano, o espaço da cozinha transformou-se num recinto cada vez mais economizado e funcional e tornou-se, essencialmente, num espaço de menor dimensão na organização espacial da casa. Ao mesmo tempo necessitava de acolher todas as evoluções desenvolvidas

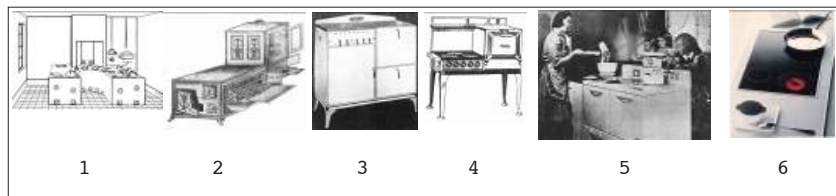


Fig.1 - A 'minimização' do fogão na cozinha doméstica acompanha a 'concentração crescente das fontes de calor' e as evoluções tecnológicas. 1- fogão de Rumford, inícios do séc. XIX; 2 - fogão em ferro fundido, 1858; 3 - fogão eléctrico, 1927; 4 - fogão, a gás, compacto com banca de trabalho, 1931; 5 - fogão eléctrico com controle automático de calor e de tempo, 1942; 6 - Placa vitrocerâmica, 2003

no final do século XIX e ao longo do século XX. Como consequência deste fenómeno surgiu desde logo uma necessidade de reorganizar a superfície de trabalho da cozinha, e aqui o papel da mulher, nessa nova dimensão do espaço, foi fundamental.

É possível observarem-se duas componentes ligadas ao **papel da mulher** relativamente à formalização do espaço da cozinha corrente.

A primeira diz respeito à sua contribuição a nível arquitectónico para a definição do espaço da cozinha, como se observa no trabalho de C. Beecher, autora de "Treatise on Domestic Economy", do ano de 1840 e C. Frederick, autora de "Household Engineering, Scientific Management in the Home", realizado por volta do ano de 1913 (PARAVICINI, 1990,p.70).

Emerge, então, uma nova "organização racional dos métodos de trabalho" e das tarefas domésticas, bem exemplificada por Beecher num esquema onde podemos estabelecer paralelismos com a composição das cozinhas contemporâneas, tanto no que diz respeito à sua composição, disposição dos seus elementos e ainda à sua imagem (fig. 2).

A autora propõe uma cozinha organizada por funções, onde existem locais destinados de forma organizada para cada actividade.

Desaparece a mesa central da cozinha e esta é substituída por uma superfície de trabalho com tampas e gavetas por baixo que se abriam facilmente a partir da banca de trabalho e onde estavam armazenados ingredientes para a confeção da comida.

No mesmo plano de trabalho, desenvolvia-se um local destinado para a preparação e lavagem de alimentos, como a carne e legumes, que, com a utilização de dobradiças, se podia rebater sobre o local de colocação de detritos alimentares. Por cima deste plano de trabalho existiam janelas. Perto da banca estão duas bombas de água, uma para a água do poço e outra para a água da chuva, uma vez que não existia ainda água corrente. Como se observa duas das secções da cozinha actual encontram-se já no mesmo espaço, a secção de armazenamento e conser-

vação dos alimentos e a secção da preparação e limpeza de alimentos. Quanto ao processo de cozedura dos alimentos, C. Beecher propunha um espaço à parte, separado da cozinha por portas de correr envidraçadas, uma vez que o fogão era a lenha e assim poderia evitar sujidade e acidentes.

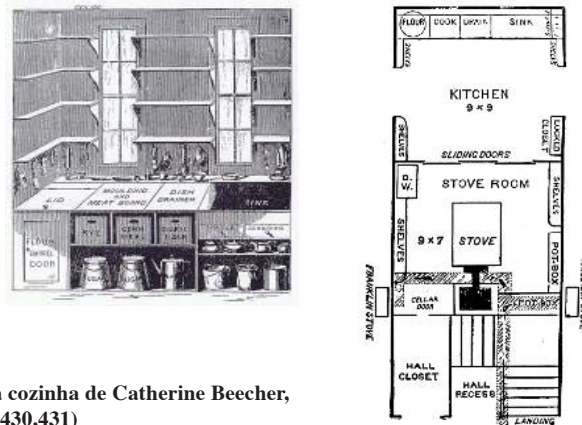


Fig.2 - Imagem e planta da cozinha de Catherine Beecher, 1869. (GIEDION, 1980, p. 430,431)

Já Christine Frederick, realiza um estudo onde relaciona os princípios da produção industrial com a economia doméstica, com o objectivo de diminuir os movimentos “inúteis” executados nas tarefas domésticas (fig. 3).

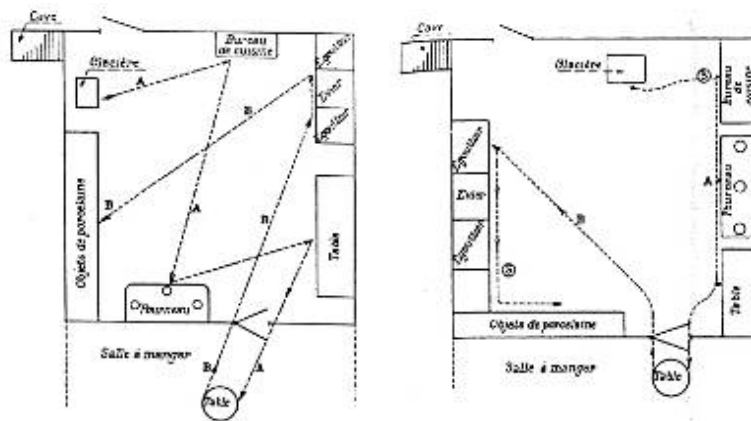


Fig.3 - Transposição dos princípios da Taylorização para a esfera doméstica. Esquema de Christine Frederick, 1913, “racionalização da relação cozinha, sala de jantar.” (PARAVICINI, 1990,p.70)

A segunda componente ligada ao papel da mulher na formalização do espaço de cozinha contemporânea diz respeito à associação simbólica da mulher ao espaço da cozinha. Actualmente, a mulher é mais livre de poder decidir qual o

seu modo de vida e, de facto, a ideia de cozinha como um espaço da mulher é observada culturalmente com alguma objecção. A condição de igualdade entre mulher e homem permite, supostamente, uma igualdade na distribuição das tarefas domésticas.

Mas, na realidade, existem processos contínuos de enraizamento cultural, de práticas e costumes ligados à tradição, muito lentos na sua transformação, que determinam que as práticas domésticas sejam do domínio feminino. Assim, todas as transformações ocorridas no espaço da cozinha na habitação, quando abordadas na relação com o papel da mulher, suscitam ambiguidades na relação entre a formalização do espaço e fenómenos sociológicos ligados à própria transformação dos modos de vida. Estas tomam forma no próprio processo de evolução do espaço da cozinha e estão ainda presentes na simbologia associada à concepção contemporânea deste espaço.

Arquitectonicamente, este espaço caracteriza-se pela sua racionalidade, funcionalidade e tipificação na sua concepção, e tendencialmente ele evoluiu, nas edificações e no contexto social urbano, para um espaço altamente otimizado, um espaço concebido segundo um modelo arquitectónico que emergiu do **movimento moderno** no início do séc. XX e que se prolonga até aos nossos dias.

O **Movimento Arquitectónico Moderno** reflectiu um dos pontos fulcrais na história da habitação, porque estabeleceu uma radical transformação dos modos de habitar da sociedade. Uma dessas transformações conduziu à formalização de um novo espaço de cozinha (fig. 4).



Fig.4 - Imagem da cozinha da Casa “Am Horn”, 1923. (DROSTE, 1994,p.108) Esta é a primeira cozinha que alia a preparação dos alimentos e o seu armazenamento, através da utilização de armários fixos localizados por debaixo da banca de trabalho e em cima encastrados na parede. É uma cozinha concebida unicamente como local de trabalho, com uma disposição em L, com uma grande bancada de trabalho contínua, nivelada sob um vão de janela. A eficácia do funcionamento da cozinha é notável.

Actualmente, este espaço desenvolvido no contexto do Movimento Moderno traduz-se amplamente na concepção arquitectónica da cozinha corrente, no seu lugar na organização interna da habitação e na sua própria composição (fig. 5). Com efeito, estão presentes os elementos essenciais que a caracterizam, como: armário para reserva, frigorífico, banca ou plano de trabalho, armário para arrumo de utensílios, fogão e forno, bacia de lavagem (dupla ou simples), máquina de lavar louça, arrumo para material de limpeza, armário para loiça e utensílios e recipiente para o lixo (PORTAS, 1969).

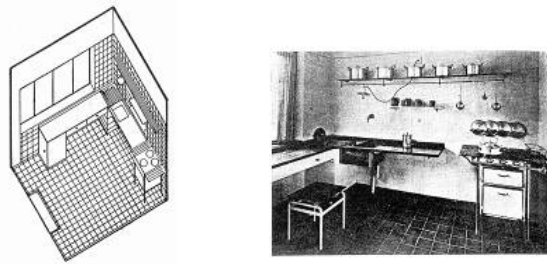


Fig.5 - Axonometria e imagem da cozinha em L para a cidade jardim de Weissenhof, 1927. J.J.P. Oud. (GIEDION, 1980, p. 434)

Neste modelo arquitectónico de cozinha moderna, tal como acontece na cozinha da Bauhaus, já se consegue observar a versão menos sofisticada das cozinhas contemporâneas. O tratamento do espaço da cozinha é já entendido, neste contexto histórico, como uma unidade própria pelos arquitectos.

É também uma cozinha caracterizada pela simplicidade e funcionalidade.

Na sua dimensão o espaço da cozinha tem que receber os novos e cada vez mais regulares avanços tecnológicos, bem como tem de estar apto aos diferentes modos de vida dos grupos domésticos. A criação das medidas *standard* em resultado da produção industrial em série, que a partir de 1945 determinou que as superfícies de trabalho teriam 0,6m de profundidade por 0,9 de altura, medidas estas adaptadas à estatura da mulher americana, transforma a cozinha corrente praticada dos dias de hoje num objecto compacto, formado por uma série de módulos dispostos segundo diversas composições. Actualmente é possível reduzir imenso a superfície da cozinha, densificando nela todo o tipo de equipamento necessário ao armazenamento, preparação e cozedura dos alimentos. Ou seja, existe um modelo de cozinha doméstica, moderno, que está na origem da sua actual composição e que é um espaço que herdou um carácter de superfície mínima mas que, por sua vez, deverá ser receptivo a evoluções tecnológicas e sociais no seu interior².

² “A noção de superfície mínima, implica aquela de equipamento máximo” (LÉGER, 1990, p. 100).

Por esta razão o processo de apropriação da cozinha corrente e a sua transformação em função de um melhor usufruto, são dados constantes no desenrolar das actividades de um grupo doméstico.

Por outro lado, devemos registar que as práticas ligadas ao habitar e à vivência do espaço da cozinha têm raízes muito profundas ligadas a tradições, relacionadas com o papel da mulher na vida doméstica, mas também com a utilização da cozinha como local de reunião familiar... e que permanecem no quotidiano de muitos habitantes.

Será neste quadro, no âmbito da relação da cozinha com os outros espaços da casa e no que reporta aos elementos responsáveis pela sua própria composição, que emerge o papel do arquitecto. A cozinha é, à partida, alvo de uma metodologia projectual que lhe pode conferir um carácter adaptável ao seu habitante ou, pelo contrário, pode constituir um espaço rígido na sua função e composição.

2. A Cozinha Corrente na Habitação Contemporânea: interrogações e algumas respostas a partir de três casos de estudo

O estudo do espaço da cozinha na habitação permite que se abordem uma série de **questões** que encerram em si mesmas temáticas relativas à habitação em geral.

Porque é que a cozinha se apresenta no espaço da habitação plurifamiliar como um espaço de características idênticas na sua dimensão, na sua relação com os outros espaços da casa e nas suas funções, quando é um dos espaços mais utilizados no quotidiano dos habitantes e quando cada um destes o pode viver de diferentes formas?

Como é que, sendo um espaço concebido com um carácter técnico e destinado unicamente à realização de tarefas domésticas, a cozinha corrente pode comportar o convívio do grupo doméstico?

Como é que os habitantes adaptam um espaço como a cozinha às suas necessidades e de que forma a própria concepção do espaço o favorece?

Perante todas estas interrogações surge uma outra questão que consideramos relevante e de demasiada importância no âmbito da arquitectura habitacional: como se processa a relação entre um espaço projectado e a sua vivência?

Num campo tão vasto e repleto de questões ligadas à relação entre o espaço projectado e o espaço vivido, a **habitação plurifamiliar** urbana distingue-se como um importante tema de estudo. Para além de se observar nesta tipologia de edificação urbana a ocorrência de processos que levam, em geral, à optimização e minimização da superfície da cozinha, conseguem decifrar-se variados modos de vida, formas de habitar um espaço por grupos familiares distintos, que permitem a compreensão e reflexão sobre o acto de coabitar, usufruir e apropriar o espaço da cozinha, interligando-o com o residente na sua mais íntima relação.

Este tipo de abordagem ao espaço e ao seu uso é muito desenvolvido e referenciado, em obras publicadas no exterior, nomeadamente em França, onde se explora com grande intensidade a relação entre a arquitectura e a evolução dos modos de vida, dos modos de habitar e dos costumes. Esta prática dá continuidade a uma longa tradição ligada ao estudo das ciências sociais e repercute-se automaticamente no estudo da arquitectura e na sua própria concepção. Trata-se de obras que têm por objectivo estudar a interacção entre o espaço habitável e os modos de vida praticados pelo grupo doméstico. Em obras como *Les espaces de la famille*, realizada por vários autores entre os quais B. Bawin Legros, *Derniers domiciles communs* de J. M. Léger, *Logement et habitat* de Marion Segaud, Catherine Bonvalet e Jaques Brun e *Penser l'habiter* de Monique Eleb, Anne Marrie Chatelet e Thierry Mandoul, encontram-se trabalhos que partem da análise de experiências arquitectónicas e das práticas desenvolvidas no seu interior pelo grupo familiar. Na essência destas obras encontramos diversos objectos de estudo, os quais são explorados a partir da análise de comportamentos, de entrevistas realizadas aos habitantes e da compreensão de elementos gráficos. No que concerne a referências metodológicas observa-se que é bastante útil para a arquitectura conceber este género de abordagem a variados temas. Tratam-se de informações relevantes que se conseguem obter a partir das práticas do habitante no seu espaço habitacional e que apelam para se pensar na arquitectura enquanto definidora dos espaços habitados e dos usos que se fazem deles.

No contexto português, em geral, o espaço da cozinha é um local muito central na vida dos habitantes, remontando a sua importância às tipologias tradicionais portuguesas encontradas ainda presentemente nos meios rurais³. Ele é central na medida em que é muito utilizado no dia-a-dia pelos portugueses e, pode afirmar-se com alguma segurança, é encarado pela sociedade portuguesa como um espaço particular na casa. Em obras como *Casas Portuguesas*, de Raul Lino, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano e *Funções e Exigências de Áreas da habitação* de Nuno Portas, abordam-se temas ligados à habitação e no seu desenvolvimento apontam-se aspectos que os relacionam com o espaço da cozinha. Embora sejam de carácter nitidamente distinto da abordagem que no presente trabalho se realiza, existem, no seu conteúdo, informações ou abordagens que são de extrema importância para o entendimento do espaço da cozinha em diferentes contextos arquitectónicos e sociais em Portugal, ou seja, contêm dados que nos ajudam a entender como é visto o espaço da cozinha no contexto da sociedade portuguesa, que género de

³ “O centro da casa camponesa é a cozinha e, particularmente, o espaço junto à lareira ou ao fogão de lenha (que nas habitações dos camponeses mais ricos, é actualmente utilizado para confeccionar a alimentação e como meio de aquecimento)” (CABRAL, 1989, p. 66)

dinâmicas sociológicas estão inerentes a este espaço e como é que ela se formaliza arquitectonicamente no seio da habitação portuguesa.

O conceito de ter uma cozinha aberta para outros espaços, como por exemplo a kitchenette⁴, não se encontra nos padrões da sociedade portuguesa, embora comece a ser aceite como nova concepção de espaço, do habitar, mais atraente a classes jovens ou a pessoas que aderem mais facilmente a outros modos de habitar, modos diferentes do tradicional habitar português⁵. Por outro lado, o conceito de cozinha aberta ou relacionada directamente com outros espaços da casa é muito desenvolvido noutros países, como nos países nórdicos e nos Estados Unidos.

Nas edificações plurifamiliares urbanas portuguesas são desenvolvidos exemplos de cozinha, que embora sejam diferentes na sua concepção e formalização, apresentam um carácter geral que as define globalmente no contexto da habitação urbana. Têm a mesma função (espaço de serviço), a sua dimensão na casa é pequena e têm a superfície optimizada.

A cozinha corrente é, neste contexto, um espaço concebido para um cliente que não interfere na sua formalização nem escolhe à partida o espaço em que vai viver. Quais são as implicações de um tal processo no desenrolar das práticas quotidianas do habitante no espaço caracteristicamente universal da habitação urbana e concebido para um cliente desconhecido?

Para abarcar as hipóteses em questão houve necessidade de estabelecer diálogo com os próprios habitantes e arquitectos, tendo por base a escolha de três casos de estudo localizados na cidade do Porto: **Edifício da Cooperativa de Massarelos** (fig. 6), 1990/95, da autoria do Arq. Francisco Barata e do Arq. Manuel Fernandes de Sá, num total de 95 fogos, **Edifício Sache** (fig. 7), da Cooperativa de Aldoar, 1989, realizado pelo Arq. Manuel Correia Fernandes e **Edifício 15 de Novembro** (fig. 8), 1998/2001, do Arq. Manuel Ventura.

A escolha destas obras justifica-se essencialmente pela possibilidade de entender o espaço da cozinha contemporânea numa maior variedade de contextos tanto arquitectónicos como sociais.

Os edifícios escolhidos têm no seu conjunto as três tipologias de acesso, o directo, o central e a galeria. O tipo de acesso é importante na medida em que condiciona arquitectonicamente a disposição dos espaços na casa, e também define as variadas relações sociais que se estabelecem entre os habitantes.

⁴Tipologia onde o espaço da cozinha se relaciona física e visualmente com o espaço da sala.

⁵ Nas tipologias tradicionais da habitação plurifamiliar portuguesa os diversos espaços da casa, incluindo o espaço da cozinha, estão nitidamente diferenciados espacialmente, cada espaço tem uma função e não existe relação visível entre eles.



Fig. 6 - Edifício da Cooperativa de Massarelos



Fig. 7 - Edifício SACHE



Fig. 8 - Edifício 15 Novembro

Outro objectivo a abordar na escolha destas três obras é ter como alvo as variadas vertentes económicas da classe média urbana, uma vez que um segmento muito relevante dos habitantes da cidade se enquadram nela e vivem em edifícios plurifamiliares urbanos. É de referir que em todos os edifícios residem grupos domésticos de diferentes escalões económicos, mas, no seu conjunto, estas obras albergam a dita classe média dentro da qual os níveis económicos variam entre o alto e baixo.

Os diferenciados meios económicos dos grupos domésticos, as suas profissões, os seus níveis culturais, ou seja, os diferentes modos de vida, determinam largamente a forma como o grupo doméstico ou o indivíduo usam o espaço e o adaptam às suas necessidades.

Procura-se também com a escolha destas obras, abordar as várias gerações que constituem o nosso meio urbano, desde os grupos domésticos compostos por três gerações, avó, filhos e netos, como casais jovens, adultos e idosos, famílias monoparentais, pessoas a viver sozinhas, pessoas que não têm qualquer tipo de relação familiar mas coabitam o mesmo espaço da habitação... para entender os usos e as significações de um espaço como a cozinha corrente no quotidiano destes diferentes grupos.

Os casos de estudo apontados abarcam, então, diversos grupos domésticos, caracterizados por diversos factores que estão interligados entre si, como as suas actividades, a sua evolução no que diz respeito às transformações ocorridas no próprio grupo e a relação entre os seus membros.

A própria diferenciação arquitectónica dos edifícios inerente a diferentes objectivos e contextos na sua projecção pelos seus autores, corresponde igualmente à diversidade dos grupos domésticos que os habitam. No caso da Cooperativa de Massarelos, a programação visava o acolhimento de uma grande parte de pessoas que habitavam anteriormente em edificações com baixas condições de habitabilidade, portanto a grande maioria dos grupos domésticos que se abordaram pertencem a uma classe média baixa e o seu agregado familiar é geralmente denso. No caso da Cooperativa de Aldoar, a população apresenta, por sua vez,

um nível económico médio alto, porque, embora o edifício seja de carácter cooperativo e também o mais antigo dos três casos de estudo, a sua diferente concepção arquitectónica atrai minorias aptas a experimentar novas propostas de vivência do espaço habitável e com poder económico para tal, já que o custo das habitações no mercado imobiliário é considerado alto. Desta forma, os grupos domésticos são constituídos normalmente por poucas pessoas ou mesmo apenas por uma. O factor tempo é também revelador no perfil social que caracteriza os grupos domésticos deste caso de estudo pois a sua longevidade diminuiu progressivamente o número do agregado familiar. Quanto ao edifício 15 de Novembro encontram-se grupos domésticos pertencentes igualmente à classe média, mas que optaram por viver neste edifício por razões principalmente ligadas à sua imagem contemporânea e localização.

Ao abordarem-se os grupos domésticos e as práticas e costumes que estão associados à dinâmica do espaço da cozinha, pode observar-se de que forma é que as suas características se repercutem no espaço habitável e entender qual o papel do espaço da cozinha no quotidiano dos habitantes.

É importante referir que actualmente as transformações sociais fazem emergir de um modo mais evidente formas familiares mais plurais. Existem cada vez mais homens e mulheres divorciados a viver sozinhos, mulheres que optam por ser solteiras e também vivem sozinhas, estudantes que saem da casa paterna para estudarem fora... Tudo isto configura uma tendência para a transformação dos grupos domésticos e, logicamente, o espaço da cozinha assume no quotidiano dos habitantes diferentes parâmetros de utilização de acordo com os atributos do grupo doméstico.

A partir dos dados que informam o trabalho realizado, o usufruto e a exploração da cozinha é maior nos grupos que dispõem de alguém permanentemente em casa, comparativamente aos grupos constituídos por elementos que se deslocam a casa no horário pós-laboral. Nos primeiros, a cozinha é o espaço central de algumas actividades que ocupam o seu dia a dia, e acaba por ser um espaço de carácter próprio, ele é apropriado pelos seus habitantes, faz parte dos espaços que são considerados seus. Os grupos constituídos por casais reformados, pessoas idosas, pessoas desempregadas, que passam a maioria do tempo em casa, costumam praticar em casa todas as refeições diárias, especialmente no espaço da cozinha. Daí, serem os entrevistados mais sensíveis e expressivos quanto à opinião relativa à concepção do espaço da sua cozinha.

A execução das tarefas domésticas pressupõe também uma exaustiva utilização do espaço da cozinha. A sua realização tem como apoio este espaço, mas, quase sempre, a cozinha não tem dimensão suficiente para acolher o desenrolar dessas actividades.

Um dos espaços habitacionais que exemplifica este facto é a lavandaria quando integrada na cozinha. Este espaço é destinado ao tratamento das roupas,

mas a sua diminuta dimensão na habitação corrente não permite que no seu interior se passe a ferro, ou que se estenda a roupa para secar. Estas práticas, que pressupõem a existência de espaço, são transferidas para qualquer outro local da casa, onde seja mais favorável o seu desenvolvimento.



Fig. 9 - O espaço da sala é um dos locais para onde é transferida a realização de tarefas domésticas que não têm lugar no espaço onde supostamente deveriam ser realizadas. Habitação no edifício 15 de Novembro.

As tarefas domésticas são as práticas quotidianas que garantem a manutenção e higiene da casa, por isso o seu foco são os espaços de serviço, os espaços húmidos da casa.

Na maioria dos grupos abordados, a mulher é a principal responsável pela prática das tarefas domésticas, confecciona as refeições, limpa e arruma a casa e trata da roupa. Por esta razão, é a pessoa que mais participa no discurso relativo às práticas domésticas.

A distribuição das práticas domésticas, nomeadamente a de cozinhar, por outros membros, embora seja desigual, porque, como já se referiu é na maioria das vezes realizada pela mulher, acontece nalguns grupos domésticos entrevistados. Mas, essencialmente, assiste-se à vivência do “modelo tradicional” da família, em que se distinguem nitidamente os papéis atribuídos aos membros do grupo, como traduz uma das descrições de Raul Lino “Do homem a praça, da mulher a casa.” (LINO, 1992)

A maioria das mulheres entrevistadas cozinha por necessidade e não por gosto, exprime um desejo de ir jantar fora mais vezes para quebrar a rotina diária (que a faz cozinhar diariamente para os restantes membros do grupo).

No conjunto integral das entrevistas realizadas⁶, apenas um dos entrevistados, uma mulher, refere que gosta de cozinhar, que o faz por gosto.

Existe, acima de tudo, uma tendência cultural e arquitectónica (no sentido em que toda a formalização do espaço aponta para uma total tipificação standar-

⁶ Foram realizadas no total 18 entrevistas aos habitantes dos casos em estudo (8 entrevistas aos habitantes da Cooperativa de Massarelos, 6 entrevistas aos habitantes do Edifício Sache da Cooperativa de Aldoar e 4 entrevistas aos habitantes do Edifício 15 de Novembro) e ainda 3 entrevistas aos arquitectos responsáveis pelo projecto dos edifícios.

dizada), que alia o próprio espaço da cozinha e as actividades praticadas nele ao trabalho, à exaustão de quem as executa e a uma questão de hábito.

E é neste sentido que a concepção arquitectónica do espaço da cozinha tem que abranger os seus limites, pensar, observar e experimentar tendo em conta todas as dinâmicas que se desenrolam no interior deste espaço.

Para compreender as transformações e apropriações levadas a cabo pelo habitante no espaço da habitação é necessário entender como é que o arquitecto o concebeu e o organizou, entender como pode o espaço ser adaptável às necessidades dos vários grupos domésticos.

No edifício da **Cooperativa de Massarelos** as habitações concebidas conferem uma certa permissividade às evoluções e apropriações do espaço pelos habitantes.

“(...)o princípio estrutural, está nas paredes de meação e tem um pilar único encostado a uma das paredes da sala. E há diversas possibilidades, fizeram-se exercícios, ligação cozinha-sala, possibilita aumentar a cozinha para um dos quartos, possibilita aumentar a sala para um dos quartos... Há uma série de variações que são possíveis, que não implicam mesmo nenhuma alteração nas infra-estruturas de abastecimento de águas e de esgotos, que não tem implicação nenhuma estrutural. Trata-se de deitar paredes de tijolo abaixo, fechar portas, abrir novos vãos. Eu penso que as casas, com o uso, devem estar preparadas para sofrer pequenas alterações em função do próprio utente.” (Arq. Francisco Barata)

Num dos casos abordados (fig.10), verifica-se que esta lógica permite, de facto, a concretização de reorganizações internas da habitação.



Fig.10 - Alteração da organização interna de uma habitação T4, no edifício da Cooperativa de Massarelos.

Nas várias entrevistas realizadas a moradores que vivem na tipologia T3, o espaço deste quarto é o que varia mais na sua função talvez por ser o que está mais relacionado com a cozinha. Nalguns casos, ele é utilizado para dormir, é

ocupado por um dos membros do grupo familiar. Nesta situação a maioria dos habitantes opta por manter a porta constantemente fechada (fig.11), ou pura e simplesmente encerram o vão com alvenaria de tijolo, por motivos relacionados com a propagação dos cheiros provenientes da cozinha.



Fig.11 - Cozinha na habitação T3, Cooperativa de Massarelos.

Noutros casos, serve de sala multifuncional e, se a porta estiver regularmente aberta ao espaço da cozinha, permite que funcione como espaço de extensão desta. Tanto serve para realizar no seu interior tarefas domésticas, como para arrumar objectos da casa, como local de estar... Devido à sua polivalência, esta divisão, assume alcunhas como, quarto da bagunça, quarto dos doentes, o quartinho...

Como também se pode observar (fig.12), os espaços de circulação, corredores, praticamente não existem. Com este procedimento, o arquitecto concebe um esquema de atravessamento da sala ou da cozinha, que os transforma em locais de intenso usufruto, ou seja, para além de servirem as suas funções, são os locais de circulação da casa.

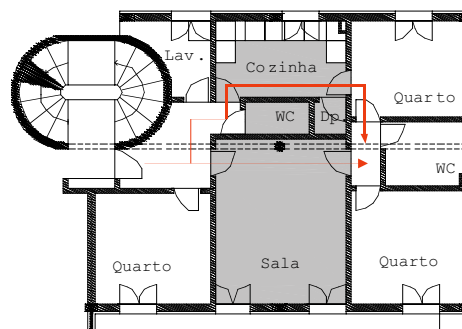


Fig.12 - Habitação T3 no edifício da Cooperativa de Massarelos. Esquema de circulação.

Essa área é aplicada na sala, que, neste caso, está muito acima da área mínima estipulada pelo INH para os edifícios de custos controlados. Proporciona-se assim, na divisão da sala, um espaço de refeições e outro de estar suficientes na sua dimensão, já que o espaço da cozinha não foi concebido para serem lá realizadas as refeições principais.

As habitações do edifício **Sache**, da Cooperativa de Aldoar, são concebidas segundo um esquema de interligação espacial entre as variadas zonas da casa:

“(...)há um contínuo de espaço, espaço fluido, subdividido em três meios pisos.” (Arq. Manuel Correia Fernandes)

Esta caracterização do espaço contribui em todos os aspectos para uma opinião positiva e unânime dos habitantes. Todos revelam uma certa afinidade ao espaço que têm, um gosto pela diferente forma como este espaço foi concebido, comparando-o por vezes aos fogos que se comercializam em geral e remetem, no seu discurso, para um ideal de habitar: a moradia unifamiliar.

Já no que diz respeito ao ‘núcleo de serviços’, onde se inclui o espaço da cozinha, zona de refeições, lavandaria e casa de banho de serviço apresenta-se um espaço fixo sem qualquer hipótese de transformação física, igual em todas as habitações.

A cozinha constitui um importante espaço na organização dos fogos. Ela é um espaço monofuncional e rígido na sua composição mas que faz parte integrante de todo o espaço público da casa, através do contacto visual que se estabelece com a sala e copa, zona destinada às refeições.



Fig.13 - Vista a partir do interior da cozinha numa habitação do edifício Sache, Aldoar.

“De um modo geral, eu, nos meus projectos, dou muita importância ao espaço da cozinha. Naquele primeiro edifício de que lhe falei, em Aldoar, utilizei um critério de subdivisão, um espaço onde se fabrica a comida e um espaço com umas portas de correr, criando então uma zona de grande interface, que é o espaço onde se come. Portanto, no fundo, abrindo as portas funciona como um espaço só, fechando as portas funciona como uma zona de laboratório que ficou encerrada quando não há actividade na zona da cozinha, ficando o espaço restante mais integrado na zona da sala.” (Arq. Manuel Correia Fernandes)

Na maioria das entrevistas aqui realizadas, os grupos domésticos utilizam o espaço da copa para tomarem as suas refeições diárias. Nos casos em que existe local para mesa de jantar no meio piso superior, no espaço da sala, esta é utilizada também esporadicamente, tal como se verificou em Massarelos e se verifica nas habitações de 15 de Novembro. No entanto, quem não usufrui de um espaço de refeições que deseja para se realizarem esse género de refeições, utiliza o espaço contíguo à cozinha em toda a sua extensão (fig.14).

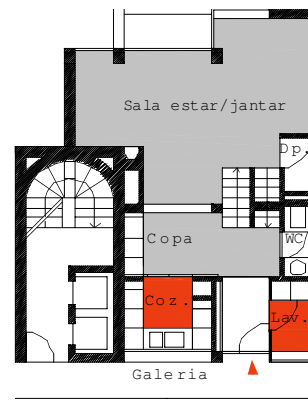


Fig.14 - Plantas dos dois meios pisos que correspondem à zona comum da habitação. Edifício Sache, Cooperativa de Aldoar. Esc. 1/200.

Portanto, a caracterização do espaço da cozinha é, neste caso de estudo, ambígua, porque embora seja um espaço mínimo, extremamente funcional, permite o convívio entre o grupo familiar no espaço que lhe é adjacente e com o qual estabelece uma relação muito aberta.

O espaço da cozinha não deixa, no entanto, de ser um local de trabalho destinado a uma única pessoa, aspecto que neste trabalho faz parte do conceito de cozinha corrente.

No edifício **15 de Novembro** observa-se a concepção de um esquema de organização interna mais tradicional (fig.15), comercial, na medida em que existe uma maior rigidez na separação das zonas habitacionais, entre os espaços comuns (hall de entrada, sala, cozinha) e privados da casa (quartos), ou seja entre a zona de dia e de noite da habitação⁷.

O espaço da cozinha corresponde a uma localização próxima da entrada, tal como se verifica nos outros três casos em estudo. Mas no que diz respeito ao seu

⁷ A organização tradicional que se aborda assenta no desenvolvimento a partir do século XVIII de uma tipologia das habitações burguesas, cuja transformação originou a matriz que suporta a organização tipológica interna das habitações contemporâneas. Sobre este tema ver, *Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa na forma da cidade*, de Francisco Barata Fernandes.

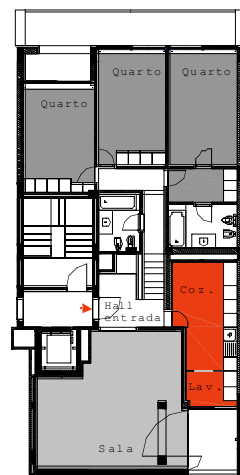


Fig.15 - Planta de uma tipologia T3 no edifício 15 de Novembro. Esc. 1/200.

papel na organização interna do espaço é, dos três casos, o que mais a dissocia na relação que estabelece com os restantes espaços da casa. Ou seja, por exemplo, em Massarelos o espaço da cozinha é um local de atravessamento, em Aldoar ela faz parte visual do espaço público da casa, neste caso, funciona como um espaço perfeitamente autónomo, o que o caracteriza essencialmente como local de trabalho.

Neste edifício, a maioria das tipologias apresentam o espaço da cozinha ligado à lavandaria (fig.16).



Fig.16 - Cozinha e lavandaria numa tipologia T2, do edifício 15 de Novembro.

As tipologias que não seguem este esquema habitual e comercial, ou seja, mantêm o espaço da lavandaria separado da cozinha, revelam-se intuitivamente no discurso dos habitantes, como sendo um aspecto extremamente positivo ao desenrolar das práticas domésticas.

A lógica de concepção do projecto define qual o grau adaptabilidade que os espaços da casa têm para a realização de apropriações feitas pelos habitantes. Esse grau varia em função da intenção que o arquitecto tem no projecto habitacional. Porém, não depende unicamente deste. As adaptações e apropriações que se fazem no espaço dependem também da vontade do próprio habitante em tornar o espaço mais adequado ao seu modo de vida. Por isso observa-se em todos os casos de estudo, mesmo no último caso apresentado que se aproxima mais de um modelo tradicional de organização interna da habitação, a introdução de pequenas alterações realizadas pelos habitantes.

A concepção da cozinha corrente como espaço arquitectónico pode assumir na sua composição infinitas formas. Entre outras, a disposição dos elementos que a compõem podem estar colocados sob a forma de U, L, I...

Nos edifícios plurifamiliares urbanos que são apontados como casos de estudo, apresentam-se exemplos de variados tipos de composição (fig.17). A disposição dos elementos da cozinha é variada, mas o conceito arquitectónico é o mesmo: optimização do espaço, na medida em que numa superfície de pequena dimensão localizam-se as funções associadas ao espaço da cozinha e reúnem-se todos os elementos necessários para a sua concretização numa conjugação de módulos.

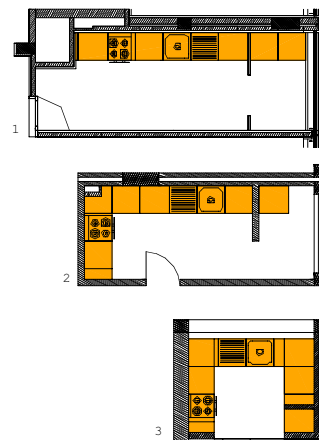


Fig.17 - Plantas de cozinhas dos casos de estudo estruturadas segundo diferentes formas. Esc. 1/100.
1 – Cozinha de uma habitação T2 no edifício 15 de Novembro. Composição em I.
2 – Cozinha de uma habitação T2 no edifício da Cooperativa de Massarelos. Composição em L.
3 – Cozinha das habitações do edifício Sache da Cooperativa de Aldoar. Composição em U.

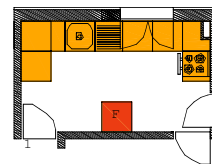
Na **Cooperativa de Massarelos**, o maior número de entrevistas realizadas foi a habitantes residentes na tipologia T3, dado ser esta que existe em quantidade superior no edifício.

É com este exemplo que se pode verificar a possibilidade de apropriar o espaço da mesma cozinha a diferentes grupos domésticos (fig.18). O espaço da cozinha do T3, que não está à partida preparado para conter zona de refeições, permite segundo o arquitecto, a colocação de uma mesa de apoio, que, na situação

mais favorável, poderá ser utilizada para tomar pequenas e rápidas refeições por um ou dois habitantes, não pelo número total dos membros do grupo doméstico.

Mas a necessidade e vontade de realizar as refeições no espaço da cozinha, é neste caso, regular. Algumas das famílias entrevistadas, a viverem nas tipologias T3, procederam a alterações no projecto inicial da cozinha, porque também, à partida, não era um processo que apresentasse dificuldades. Implicava apenas pequenas alterações, que, na maioria dos casos, foram realizadas no período de construção do edifício.

Planta original. Esc.1/100.



Plantas transformadas. Esc. 1/100

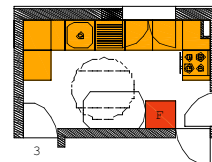
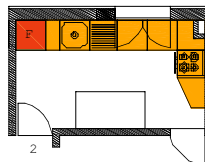
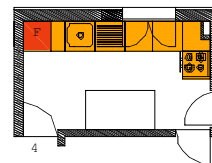


Fig.18 - Transformações ocorridas no espaço da cozinha de algumas das habitações T3 no edifício da Cooperativa de Massarelos. O módulo do frigorífico (F) é deslocado do seu posicionamento pré estabelecido (1) para ser possível a colocação de uma mesa nesse espaço. Num dos exemplos (2) a porta de acesso a um dos quartos é encerrada, para ser colocado mais um módulo de banca de trabalho.



Mesmo não se tratando de um espaço dimensionado para ter zona de refeições, todos os grupos familiares que o fazem necessitam de alterar o posicionamento da mesa quando tomam as refeições em conjunto. Colocam-na de forma central, para poderem estar sentados à sua volta e encostam-na à parede durante o restante período do dia (fig.18 - 3). O espaço torna-se insuficiente, acanhado, restringe o bem-estar dos moradores.

Outro aspecto que sobressalta na análise entre o projecto e o espaço vivido neste caso de estudo é a localização das janelas em cima da banca de trabalho (fig.19). Embora no conceito geral do projecto a concepção destes vão esteja associada a critérios arquitectónicos de concepção do edifício ligados, entre outros, à composição de alçado, ao controlo de custos, à iluminação e ventilação do espaço, a sua resolução revela-se, no interior da habitação, como um problema na realização das práticas da cozinha pelos habitantes.

O processo de abertura da janela retira espaço à banca de trabalho, que neste caso, contém os módulos que se destinam à função de preparação de alimentos, ou seja, são quase o único espaço de banca de trabalho do espaço da cozinha.



Fig.19 - Vão de janela das cozinhas nas habitações T3 e T4 do edifício da Cooperativa de Massarelos.

Normalmente, o espaço ‘livre’ de trabalho, ou seja, os módulos que não têm o fogão, a banca da louça e o frigorífico, para além de serem utilizados na preparação das tarefas culinárias, são aproveitados, fora desse processo, para a arrumação e colocação dos elementos que não cabem de todo no espaço de arrumação que a cozinha contém, como por exemplo electrodomésticos, fruteiras, etc. Por outro lado, nesse espaço ‘livre’ de balcão são colocados frequentemente elementos decorativos e caracterizadores do espaço que embora não contenham em si função alguma, são representativos da apropriação do espaço pelo habitante.

No caso do edifício **Sache** da Cooperativa de Aldoar, o espaço da cozinha é mínimo.

Embora seja muito relativa a concepção arquitectónica de um espaço da cozinha na sua dimensão, porque ela pode ser grande e permitir no seu interior o convívio familiar, e por outro lado pode ser pequena e permitir um melhor funcionamento prático, esta cozinha é bem aceite na sua concepção pela maioria dos habitantes. Ela está de tal modo composta que permite um controlo total do seu espaço por quem o está a utilizar.



Fig.20 - Cozinha das habitações do edifício Sache da Cooperativa de Aldoar.

Surge por vezes um problema ligado ao número de pessoas que utilizam o seu espaço. O espaço de circulação é extremamente pequeno e, quando existe outro membro do grupo familiar que ajuda nas tarefas da cozinha, o espaço torna-se insuficiente.

Dada a sua concepção, não são possíveis variações na sua composição. As alterações que os habitantes fizeram resumem-se principalmente às renovações do material e à alteração da imagem da cozinha.

Devido ao facto de ser pequena os espaços de arrumação são escassos. E é principalmente este aspecto que traduz literalmente o maior problema do pequeno dimensionamento do espaço desta cozinha. Actualmente existe uma enorme quantidade de apetrechos e de alimentos destinados às tarefas culinárias, que muitas vezes nem são frequentemente utilizados, mas, enfim, são produtos de consumo, que necessitam de estar ao alcance no espaço da cozinha. Consequentemente, os habitantes precisam de os ter colocados e arrumados num espaço próximo ao local de trabalho. Ou estão localizados à vista, em cima do balcão, ocupando deste modo o local de trabalho, ou estão guardados nos armários constituintes da cozinha.

Esta cozinha é o exemplo mais rígido na sua concepção, no que diz respeito aos casos em análise. Ao mesmo tempo, é a mais aberta aos espaços adjacentes da casa, devido à utilização de um grande vão, composto por duas folhas envidraçadas de correr, que serve de entrada. Nesta situação é possível mais uma vez assistir à apropriação e alteração do espaço relativamente à ideia de projecto desenvolvida.

Num dos grupos entrevistados, estas portas não passavam de um obstáculo que tornava a cozinha pequena e dificultava a sua utilização.

A necessidade de ter um espaço de cozinha mais apto ao dia a dia do habitante, fez com que se retirassem as portas de correr da cozinha e que estas fossem colocadas numa situação ainda mais aberta para a casa do que a relação pretendida pelo arquitecto na concepção deste espaço (fig.21).



Fig.21 - Cozinha e copa como um único espaço numa das habitações do edifício Sache, Aldoar.

Este caso evidencia uma solução de grande ambiguidade do espaço de cozinha corrente, geralmente fechado. É uma cozinha mínima, prática e funcional, mas que permite, ao mesmo tempo, um maior convívio entre os membros do

grupo doméstico, permite uma maior cooperação e interação entre eles. No entanto, é um espaço que, relativamente aos outros casos de estudo, focaliza uma maior atenção do habitante. Este tem a necessidade de o manter limpo e arrumado e também de lhe dar uma certa privacidade pelo facto de ter um vão de janela exposto para a galeria de acesso, resolvido na maioria dos casos com estores opacos que ocultam a visualização do exterior mas que a permitem a partir do interior.

No que diz respeito à composição das cozinhas do edifício **15 de Novembro**, pode dizer-se que são as mais semelhantes às cozinhas que preenchem o mercado actual do imobiliário, algo que tem um pouco a ver com o critério arquitectónico utilizado na geral organização dos fogos, segundo um esquema tradicional. É uma cozinha corredor, de forma rectangular e unidireccional (fig.16). Tem uma banca de trabalho corrida voltada para a parede, sem qualquer vão de luz natural. Esta por sua vez é filtrada pelo espaço de lavandaria que é imediatamente adjacente à banca de trabalho, separada por portas envidraçadas. É uma tipologia de cozinha cuja composição expressa com mais ênfase o seu carácter funcional e diminui drasticamente qualquer hipótese de a transformar num espaço agradável, susceptível de convívio e proporcionador de sociabilização. Contudo, é uma tipologia utilizada na maioria dos edifícios plurifamiliares urbanos recentes e é bem conhecida e aceite pelos habitantes.

Numa das entrevistas realizadas, um habitante faz uma alusão ao espaço quadrado de cozinha que dispunha na sua anterior habitação. De certa forma traduz-se que existem formas de composição da cozinha que são mais adequadas ao processo das práticas no seu interior.

A composição dos elementos fixos das cozinhas, na totalidade dos fogos, é disposta em linha. Segundo a opinião do arquitecto, esta é uma das variadas composições que dá resposta à realização das práticas culinárias, pois se a sequência dos módulos for realizada segundo uma lógica de intercolocação, a funcionalidade do espaço da cozinha está garantida (fig.22).

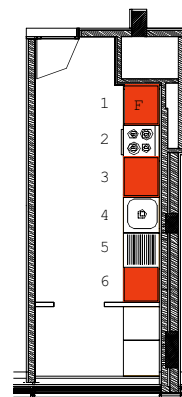


Fig.22 - Modulação de seis unidades de uma cozinha numa habitação T2 do edifício 15 de Novembro.

Verifica-se, no entanto, a necessidade, por parte de dois dos habitantes entrevistados, de recorrer a um aumento dos elementos fixos da cozinha que contribuam para o seu melhor funcionamento (fig.23, 24). É necessário referir que estes dois habitantes fazem um uso mais intenso da sua cozinha relativamente aos outros moradores que foram entrevistados.

As alterações protagonizadas dizem, essencialmente, respeito à falta de espaço para arrumar e utilizar todos os elementos necessários às práticas culinárias.

O espaço livre desta cozinha pode ser ocupado por diversas funções que facilitam as necessidades dos habitantes. Uns não o utilizam, outros colocam uma mesa de apoio a pequenas refeições, ou de refeições realizadas por uma ou duas pessoas e outros equipam a área com bancas de trabalho e armários para arrumos. O principal facto que sobressai é que o espaço está, à partida, apto para receber esses elementos.

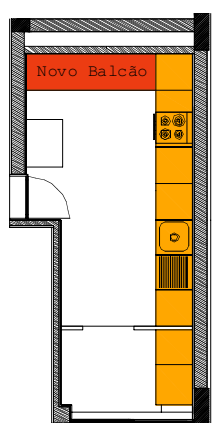


Fig.23 - Imagem e planta, esc. 1/100, de uma cozinha numa habitação T3 no edifício 15 de Novembro. A alteração protagonizada pelos habitantes incide na colocação de mais armários para permitir colocar mais elementos necessários a um melhor funcionamento do espaço da cozinha.

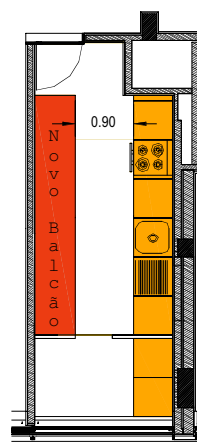


Fig.24 - Planta de uma cozinha numa habitação T2 que vai ser alterada no edifício 15 de Novembro.

Trata-se, essencialmente, de um paralelo que podemos estabelecer entre as características espaciais da cozinha e o comportamento dos indivíduos e grupos que a ocupam, seja no sentido de constrangimento ou impedimento de certas actividades, seja como fomentador ou propiciador de outras. (PORTAS, 1969, p.8)

Conclusão

Consideramos, em geral, que a dimensão espacial da cozinha corrente na habitação é restritiva, tanto no que diz respeito à sua concepção física, como simbólica, dos modos de vida do habitante. A cozinha abrange outras dinâmicas que não as destinadas unicamente à concepção das tarefas domésticas e por trás deste espaço existe uma quantidade incomensurável de fenómenos sociais e culturais que não têm meio de se exprimir na sua actual concepção. Por isso, reflectir sobre um espaço como a cozinha na habitação plurifamiliar significa para a arquitectura transpôr os simples gestos de projectar, rituais de concepção que respondam unicamente à sua funcionalidade e muitas vezes à sua imagem.

Tendo em conta que na habitação plurifamiliar, onde um mesmo espaço habitacional se repete, a relação entre a cozinha e os diversos usos desta pelos habitantes dificilmente poderá vir a ser totalmente concordante (porque existem muitas formas de viver um mesmo espaço), concluímos, na nossa abordagem, que a concepção do espaço da cozinha deve considerar a possibilidade de se constituir como um local adaptável. A adaptabilidade do espaço da cozinha passa por uma reflexão arquitectónica que tenha em conta a capacidade desse espaço responder às variadas apropriações pelo habitante e de enriquecer, ao mesmo tempo, o seu papel na organização interna da habitação. Assim, segundo o testemunho dos habitantes entrevistados e também das próprias soluções arquitectónicas estudadas, o desenvolvimento do espaço da cozinha cuja forma aponte para o quadrado, poderá ser uma melhor resposta relativamente àquela que se observa geralmente na formalização da cozinha corrente na actual habitação plurifamiliar urbana, amplamente utilizada no mercado imobiliário, de espaço rectangular, com modulação em linha e com lavandaria no seu seguimento. O quadrado, permite uma melhor distribuição e conjugação dos elementos fixos da cozinha perante as necessidades do utente e uma maior rentabilização do espaço. Os elementos organizam-se em torno de um centro, espaço de circulação, a partir do qual o utente alcança mais facilmente as bancas de trabalho. O espaço da superfície central é mais apto à movimentação do utente, podendo este conjugar mais facilmente as suas práticas com mais alguém que intervenha nas tarefas, do que num espaço rectangular e estreito.

O que se pretende nesta reflexão sobre o espaço da cozinha na habitação plurifamiliar é essencialmente ponderar as questões que realçam a dissociação existente entre a formalização de um espaço e a sua vivência, as quais nos poderão fornecer material para a própria concepção do espaço arquitectónico abrangendo e considerando aqueles que dele vão usufruir.

Este entendimento enriquece a arquitectura na medida em que podemos manusear esta informação para a reflexão sobre a sua concepção.

Este género de abordagem, que alia a arquitectura àqueles que dela usufruem, pode conduzir a novas interpretações do espaço doméstico, à experimentação arquitectónica dessas mesmas interpretações, ao enriquecimento do espaço arquitectónico das tipologias habitacionais e concede ao arquitecto meios para explorar a arquitectura no contexto da sua apropriação.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston - *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 2003
- BLACHET, Alain; GOTMAN, Anne – *L'Enquête et ses Méthodes: L'Entretien*. Paris, Éditions Nathan, 1992
- CABRAL, João de Pina, - *Sons of Adam, Daughters of Eve: the Peasant Worldview of the Alto Minho*. Oxford, Clarendon Press, 1986 [trad. port., *Filhos de Adão, Filhas de Eva*. Lisboa, Publicações Dom Quixote («Coleção Portugal de perto. Biblioteca de Etnografia e Antropologia», 19), 1989]
- DROSTE, Magdalena – *Bauhaus 1919-1933*. Alemanha, Tachen, 1994
- ELEB, Monique, avec DEBARRE, Anne - *Architectures de la vie privéé. Maisons et Mentalités XVII-XIX siècle*. Bruxelles, Archives d'Architectures Modernes, 1984
- ELEB, Monique; CHATEELET, Anne – Marie et MANDOUL, Thierry – *Penser l'habiter: le logement en questions*. Liège, Pierre Mandruga, 1990
- ESPINET, Miguel - *El espacio culinario. De la taberna romana a la cocina profesional y doméstica del siglo XX*. Barcelona, Tusquets, 1984
- FERNANDES, Francisco Barata - *Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa na forma da cidade*. Porto, FAUP Publicações, 1999
- FLEMING, Arnaldo e MAGANO, Olga - *Habitação Cooperativa em Portugal (1974 – 1991)*. Lisboa, Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica, 1992
- GIEDION, Siegfried – *La mécanisation au pouvoir: Contribution à l'histoire anonyme*. Paris, Centre George, 1980
- LÉGER, J.M. - *Derniers domiciles communs. «Enquêtes sur les nouveaux logements 1970–1990»*. Paris, Creaphis, 1990
- LEGROS, B. Bawin, DANDURAND, R., KELLENNALS, J., SINGLY, Fr. de – *Les Espaces de la Famille. Actes du Colloque*. Paris, 1995
- LUPTON, Ellen – *Mechanical Brides – Women and machines from home to office*.–New York, Princeton Architectural Press, 1993
- LUPTON, Ellen and MILLER, J. Abbott – *The bathroom, the kitchen and aesthetics of waste: A process of elimination*. New York, Princeton Architectural Press, 1992
- LINO, Raul - *Casas Portuguesas*. Lisboa, Cotovia, 1992

O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana

- PARAVICINI, Ursula – *Habitat au Féminin*. Suíça, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 1990
- PAUL-LÉVY, Françoise et SEGAUD, Marion - *Anthropologie de l'espace*. Paris, Centre George Pompidou, 1983
- PORTAS, Nuno - *Funções e Exigências de Áreas da Habitação*. Lisboa, MOP Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1969
- SEGAUD, Marion; BONVALET, Catherine et BRUN, Jaques - *Logement et habitat. L'état des savoirs*. Paris, La Découverte, 1998
- TEYSSOT, Georges - *Il progetto domestico. La casa dell'uomo: archetipi e prototipi*. Itália, Electa, XVII Triennale di Milano, 1986
- VILLANOVA, Roselyne de; LEITE, Carolina e RAPOSO, Isabel - *Casas de Sonhos*. Lisboa, Salamandra, 1995
- WEISMAN, Leslie Kanés – *Discrimination by Design*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1992

L'espace de la cuisine dans l'habitation multi famille urbaine. Modes de vie et appropriation de l'espace.

Résumé

De différents facteurs sociaux, économiques et culturels ont favorisé l'évolution de l'espace de la cuisine dans l'habitat collectif urbain. Aujourd'hui, l'espace de la cuisine apparaît comme un espace stéréotypé caractérisé par sa rationalité et para sa fonctionnalité.

Ce scénario suggère un certain nombre d'interrogations concernant l'usage de cet espace et concernant la signification de la cuisine dans les pratiques domestiques quotidiennes.

Dans cet article on analyse cette thématique à partir de l'interprétation de trois cas d'étude au moyen de l'analyse des projets d'architecture et au moyen d'entretiens semi directifs réalisés auprès des habitants. On cherche à comprendre l'importance d'un espace comme la cuisine tant dans le quotidien des habitants, que dans les présuppositions du projet d'architecture.

Il s'agit d'une réflexion qui essaye de rapprocher l'architecture et les pratiques sociales et domestiques à travers l'étude de l'espace de la cuisine.

The space of the kitchen in multi-family urban housing. Ways of life and space appropriation.

Abstract

Different social, economic and cultural factors favoured the evolution of the kitchen space in the urban housing. Today, this space appears as a more systematic space tendentiously characterized by its rationality and functionality.

This scene sprouts questions concerning the use that the inhabitants make of this space and the meaning of the kitchen in the domestic daily life.

In this article this thematic is approached through the interpretation of three examples of urban housing and the analysis of interviews to the inhabitants of the buildings. Here we try understanding the importance of a space as the kitchen in the daily life of the inhabitants and in the intends of project of architecture.

This is a reflection that relates architecture itself with the experience of space acknowledging, from the study of the kitchen, the dynamic interactions between them.